

REFLEXÕES SOBRE O MUNDO

Helio Cordeiro Machado

No princípio era o Verbo, a palavra Divina.

Deus criava pela palavra. "Faça-se a luz". E a luz se fazia.

"Faça-se o Sol", a Terra, os animais". E tudo se fazia.

Mas um evolucionista tem que partir do postulado de que no princípio era a matéria, a sua equivalente energia e a ação (e não apenas a palavra). Porque só a ação cria. "A ação é de importância fundamental na Mecânica Relativista" (Bertrand Russell).

Há 10 bilhões de anos a matéria vagava dispersa pelo Universo. Dez bilhões de anos é um tempo tão longo que não é fácil ser concebido pela mente humana.

Como dissemos, só havia matéria, dispersa. Essa matéria estava dotada de ação, de movimento. O movimento é uma Lei do Universo. Tudo estava e está em movimento (e também em evolução): a matéria, a Terra, os seres vivos, a sociedade, a mente humana.

Há muitas teorias, mas uma delas diz que a matéria (em movimento) se concentrou em corpos celestes que são as atuais estrelas, planetas, cometas.

Uma segunda teoria pressupõe uma explosão gigantesca, que lançou pelo espaço os atuais corpos celestes. (Teoria do "Big Bang"). Isto explicaria o porquê de estar o Universo em movimento e em expansão, *ou, mais precisamente, pulsando.*

No nosso Sol, a Terra era dotada de vulcões, movimentos sísmicos, atmosfera quente e tormentosa. Mas a atmosfera esfriou e se precipitou sob a forma líquida, originando os rios, mares e lagos.

A idade da Terra é calculada pela salinidade dos mares. Os rios carregam para os oceanos pequeníssimas quantidades de sais. Medindo-se a proporção dos sais marinhos e fazendo-se uma correção chega-se à conclusão de que a idade da Terra é de 4 bilhões de anos.

A vida surgiu há 2 bilhões de anos. Surgiu da matéria inerte da Terra e ainda hoje isso acontece. O inorgânico dando o orgânico. Nos grandes lagos dos Estados Unidos encontram-se células fósseis de 2 bilhões de anos.

A vida surgiu dos componentes da Terra e da água. Mais precisamente surgiu nos mares. Deu-se o nome de coacervato a uma hipotética proto-célula, transição entre a matéria e a vida. Para os evolucionistas o fato de os seres vivos terem uma composição semelhante à dos mares - sais minerais e bastante água - é prova desta teoria.

A vida evoluiu.

Do mais simples para o mais complexo.

Do unicelular para o multicelular

Darwin descobriu esse processo.

Todo o processo da evolução está inscrito e documentado nos fósseis, o livro da Terra. Nos fósseis se encontram todas as transições entre as diversas espécies.

A natureza deu um grande avanço quando complicou o cérebro, isto é, quando tornou-o complexo.

O homem surgiu na África. Quando a floresta africana tornou-se rarefeita (savana) os pré-hominídeos foram obrigados a descer à terra. Nessa condição não necessitavam dos membros anteriores para movimentarem-se como na atividade arborícola precedente, e estes membros foram liberados da marcha (ORIGENS, Richard Leakey). Este processo chamado de braquiação deu aos membros anteriores uma função importante: a manipulação de instrumentos. Quanto mais impulsos a mão enviava ao cérebro e mais exigia dele, mais ele se tornava complexo. Esta complexidade permitia à mão maiores habilidades (A ORIGEM DO HOMEM, M. Nesturkh).

O cérebro humano é qualitativamente diferente do dos animais. Com o cérebro o homem transcendeu sua natureza animal e alçou-se ao espírito. Esse cérebro complexo permitia a ação porque co

mandava uma mão prodigiosa em manipulações.

Somente no homem a mão tem uma regência tão grande no cérebro. A mão é a ação.

O cérebro e a mão, enfim, a natureza humana, permitiu a construção das sociedades. As sociedades, à semelhança dos seres vivos, evoluíram e complicaram-se. Marx descobriu as leis sociais, sua natureza material e sua evolução dialética.

À medida que a produtividade social crescia, houve alguns que se apropriaram dos excedentes. Para reger os bens e as riquezas foram criadas leis, regulamentos, proibições, soldados, juízes; em uma palavra, foi criado o Estado.

Da sociedade primitiva (comunismo primitivo?), passou-se para as fases de Estados escravagista, feudal, capitalista e socialista. Em cada um deles dominava um tipo de produção e um tipo de riqueza ou propriedade e um tipo de relação entre os indivíduos, uma base econômica, portanto.

No escravagismo (Antiguidade) a propriedade eram os escravos, no sistema feudal era a terra e no sistema capitalista é o capital que cria os meios de produção para promover a indústria, o comércio e os serviços.

No sistema socialista os meios de produção são estatizados.

Em todos estes sistemas havia uma contradição entre os que detinham a propriedade e os sistemas de produção e os que detinham apenas o trabalho.

"O marxismo é a filosofia insuperável de nosso tempo. Só será superado quando forem superadas as contradições sociais que o engendraram" (Sartre). E essas contradições continuam. Portanto, a evolução da sociedade atual está sob as leis do que Marx nos ensinou.

Mas o socialismo não é o fim da evolução social, é uma etapa. Para onde vai não o sabemos.

Será uma etapa mais avançada e não poderá ser nenhuma das que o antecederam (embora possa contê-las parcialmente).

Mas de toda essa explicação resta a angústia individual. É certo que tudo está evoluindo, mudando e que se prometem dias melhores. Mas que faço eu com minha angústia? Perguntará cada um.

O homem é matéria ou é espírito? Cremos que ambos ao mesmo tempo. A nossa natureza material, animal, é aceita pelos evolucionistas e pelos etologistas. Mas na sua consciência o homem é espírito e o espírito pretende a eternidade.

"Talvez a angústia humana esteja no conflito insuperável entre a temporalidade da vida e nosso desejo de eternidade".

A consciência humana indaga sobre o mundo. O mundo é realmente como o vemos? O mundo existe independentemente de mim? Ou é minha consciência que lhe dá realidade? Em resumo: o mundo é objetivo ou subjetivo?

Durante séculos as filosofias oscilaram entre o objetivismo e o subjetivismo, entre o materialismo e o idealismo.

Não há dúvida que o mundo existe independente de nós. Quando morremos, ele continua a existir. Mas se morremos, o mundo não existe para nós. É claro que nossa idéia não cria o mundo. Mas o modifica de acordo com a maneira como o vivenciamos. (SARTRE, esboço de uma teoria das emoções).

Não parece haver oposição entre objetivismo e subjetivismo. Essas concepções se aplicam a diferentes facetas da realidade. O mundo é material. Mas na mente humana o subjetivismo funciona. "Assim é, se lhe parece". Se estou de bom humor, tudo me sabe bem.

A duração da vida humana é um instante apenas, perante a grandiosidade do universo e a perenidade da matéria. Mas vivemos como se fossemos eternos. "Todos morrem, menos eu". Assim, também, "todos envelhecem, menos eu".

Mas a morte é fatal, é inevitável.

A nossa consciência manifesta no pensar, no sentir, no vivenciar nos dá a consciência de existir e de existir duradouramente.

"Penso, logo existo" (Descartes).

"Eu sou, logo a morte não é; a morte é, logo não sou" (Jaspers).

A morte é uma situação-limite para a qual não há solução. Heidegger tentou minimizar esse conflito propondo que "uma maneira de superar a morte ou o medo dela seria desejá-la" (sic).

Durante bilhões de anos o universo se desfaz e se reconstrói em movimento sem fim: estrelas que explodem, astros que se criam. Na Terra, um constante morrer e renascer. Na sociedade uma constante evolução. Na mente humana renovados problemas.

Para que toda essa mudança, essa renovação, esse movimento? Não o sabemos.

O Universo não tem sentido, é um movimento sem fim.

A vida humana não tem sentido, na sua essência.

"A vida humana não tem motivos. Nós criamos motivos que depois nos tomam e nos assaltam como se fossem os verdadeiros motivos de nossa existência" (Sartre).

"Não tenho motivos para viver", dirá alguém. "Não tem motivos"? Responderá Sartre. "Invente".

O que é um apelo ao individualismo. Cada um criando suas finalidades sobre uma base sem finalidades.

"A natureza, as plantas e os animais não precisam receber um sentido, pois não pensam nem pecam. Vivem ingênua e inocentemente. Nós, homens, somos menos do que os animais, quando pretendemos viver sem sentido" (Hermann Hesse).

Ao revolucionário não é preciso inventar um motivo. Ele tem a "causa" pela qual deve lutar, causa que tem força de realidade e que lhe dá objetivo à existência. Morrer por ela nem é um tema que o preocupa. A causa está acima da morte e continua depois dela.

A ciência deslocou Deus à medida que encontrou explicações racionais para fenômenos até então obscuros. Mas a sociedade, as relações de produção, a política têm necessidade de Deus e o defendem a todo custo. Até certos cientistas estão nesse jogo. O Universo é finito, recurvado e em expansão, como se fosse uma esfera, e além dele não há nada, a não ser Deus, dizem. (Citado por Sonnenreich).

Na sua ânsia de saber sobre si e sobre o mundo, o homem tem procurado a ciência, a filosofia, a religião. Mas é preciso cuidado para não se desviar do caminho correto e enveredar por falsas concepções. A sociedade, principalmente na sua forma capitalista, pouco interessa fazer com que o homem conheça a verdade, porque se assim o fizer, ele procurará questionar tudo, inclusive a própria sociedade. Os meios de comunicação, por exemplo, estão aí para nada dizerem e nada esclarecerem. É a sua finalidade social. "A televisão foi feita para não comunicar nada". É a lógica do sistema, é uma lógica infernal. Portanto, não nos surpreendamos nem nos escandalizemos com o baixo nível de certas vias de comunicação ou produções artísticas.

Há, por outro lado, um prestígio das chamadas "pseudo-ciências". Como exemplo, temos a Ufologia, o Triângulo das Bermudas, as Pirâmides. A cada época se inventam outras. E com elas o homem se afasta ainda mais da verdade. E olha com desdém para ciências ou teorias sérias como a Genética, a Etologia e Comportamentalismo.

Em compensação, prosperam vários tipos de religião, de seitas, de crenças. O espiritismo desbancou o catolicismo por ser mais popular; este olha aquele como se fosse irmão espúrio; o zembudismo é chamado do oriente; o Krisna é apreciado por dependentes de drogas. Com frequência, nas esquinas ou no lar recebemos a visita dos procuradores de adeptos. E algumas seitas se radicalizam com a política e o racismo.

Spengler dizia: "Quando as sociedades estão em decadência, proliferam as religiões exóticas". Não é isso o que está acontecendo atualmente?

As verdadeiras ciências deram ao homem um amplo e profundo conhecimento de si mesmo e, principalmente, do universo. Nos últimos 150 anos o homem conheceu mais do que em 5.000 anos de História. Mas a ciência tem um limite, é um tanto fria e desumana e não explica tudo.

A Filosofia está aí para complementar a Ciência e para humanizá-la. Aliás, ambas não se opõem mas se completam, já que surgiram como mãe e filha. A Ciência sem a Filosofia é cega. A Filosofia sem a Ciência é abstração.

Correntes filosóficas há muitas.

O Marxismo e o Existencialismo são dois gigantes da Filosofia. O Existencialismo é o pensamento ocidental, elitista e individualista. O Marxismo é a filosofia revolucionária, pragmática, coletivista e pretende a libertação de todas as classes. Ambos têm a pretensão ao humanismo.

O Marxismo porque, procurando a libertação das classes oprimidas, pretende a verdadeira realização da natureza humana.

O Existencialismo porque açode ao indivíduo angustiado e defende a sua autenticidade e sua liberdade.

Uma coisa é verdade: não se pode obter a realização humana enquanto toda a Humanidade não tiver satisfeito suas necessidades básicas.

Dois terços da Humanidade passam fome e não possuem as necessidades materiais mínimas para sua subsistência.

"No dia em que a fome desaparecer da face da Terra, haverá uma explosão de espiritualidade como nunca se viu antes" (Garcia Lorca).

Voltemos à frase inicial: No princípio era o Verbo (a palavra). O Prof. Oscar Rezende de Lima contou a seguinte lenda: Os assírios cultivavam o deus Marduc e a deusa Tiamat. Esta, sendo mulher, concebia filhos. Marduc invejava o ventre feminino porque ele não podia gerar filhos (concepção psicanalista). Para se compensar encontrou uma solução: passou a criar coisas através

das palavras. "Faça-se o Sol, a Terra, os animais". Esta concepção mítica transferiu-se para outras religiões, inclusive o Cristianismo. Pelo que se vê as religiões têm muito em comum na sua essência, embora com roupagens diferentes.

A afirmação de que o Cristianismo tem caráter monoteísta, em contraposição com as primeiras religiões politeístas também é falsa. Nele há um deus maior que é Cristo e outros menores como Nossa Senhora, João Batista e outros. À semelhança dos gregos, onde Zeus (Júpiter dos romanos) era a divindade mais poderosa seguida num plano segundo de Mercúrio, Minerva, etc.

A Ciência é um ato de razão.

A Religião é um ato de fé.

Teillard de Chardin tentou "casar" as duas. Mas a Igreja não o aceitou. Talvez, se o fizesse, alguns fatos da História poderiam ter ocorrido de modo diferente.

A evolução continua, também na esfera tecnológica.

O homem abandonou seu leito de nascimento e alcançou outros astros. Já desceu na Lua e manda sondas mecânicas para outros planetas. Estas já atingiram Saturno e em breve vão escapar do nosso sistema solar. A ânsia de conhecer não conhece limites. E logo vem uma pergunta: haverá vida em outros mundos?

No Universo há milhões de galáxias, cada uma com milhões de sóis e cada um com seus planetas. Multiplicando tudo, trilhões (ou mais) de planetas.

Então, há outros lugares para a vida?

Alguns fenômenos no Universo são semelhantes. A vida necessita de seus tijolos fundamentais, carbono, hidrogênio, oxigênio, nitrogênio e outros. Mas há outras exigências: deve haver água ou umidade. A atmosfera deve ser respirável e não tóxica (como Vênus). A temperatura precisa ser comedida: não tórrida para não calcinar, e não congelada. O tamanho do planeta deve ser mediano. Se for muito grande, a gravidade dificultará os movimentos; se for muito pequeno os movimentos serão amplos demais.

E quem sabe, haverá necessidade de outras condições: uma certa dose de radioatividade não favorecerá os processos químicos (e as mutações)? A atmosfera não necessitará frear os deletérios raios cósmicos? Em resumo: todas essas exigências reduzirão as possibilidades daqueles trilhões de planetas a um número muito menor. Talvez 100.000.

Então estamos sós? Talvez não. Mas no nosso sistema solar não há vida além da Terra.

É preciso alcançar outros sistemas.

Ou outras Galáxias!!

Mas como fazê-lo? As distâncias são incomensuráveis (medem-se por milhões de anos-luz); a duração da vida humana é mínima para percorrer tanta distância e tanto tempo.

... E a técnica moderna é insuficiente. Estaremos ilhados?

Como novos Robinson Crusoe?

O que fará a técnica futura?

Os princípios científicos aí estão para lhe fornecer as bases.

E o que dizem eles?

É possível!

Como?

Pela Princípio da Relatividade a velocidade máxima que um corpo (um foguete, por exemplo) pode atingir é a velocidade da luz (300.000km/seg). Mesmo assim, para atingir outras estrelas, o tempo de viagem será de milênios. E para atingir outras galáxias será de milhões de anos.

Outra vez o Princípio da Relatividade nos fornece a chave do problema.

Em altas velocidades, próximas da luz, as distâncias encurtam, "encolhem". Isto está provado experimentalmente. Os mésons têm a velocidade próxima à da luz, sua vida média só dura dois milionésimos de segundo, o que daria para percorrer apenas 600 metros. No entanto, nessa velocidade e durante esses dois milionésimos de segundo, eles percorrem 10 quilômetros e são detectados na superfície da Terra. Quer dizer: com tal velocidade, a distância de 10km ficou reduzida a 600 metros.

O espaço não é absoluto, é relativo à velocidade do objeto. E o que é mais maravilhoso: à velocidade da luz, as distâncias se encurtam tanto que elas se anulam. Portanto, em pouco tempo poder-se-ia atingir qualquer ponto do Cosmos.

E o que fará o homem quando atingir outros planetas? E se neles (ou alguns deles) houver vida? Como será nossa relação com esses seres (no caso de serem inteligentes)?

Naturalmente que a Moral, a Religião, a Filosofia terão que se adaptar ao novo dado. E o que fará a nossa Religião Cristã? Esses novos seres serão também considerados "filhos de Deus"?

Afinal, quando nosso Deus (Cristo) surgiu, seus filhos habitavam apenas nossa pequenina Terra.

Bem, a Religião saberá adaptar-se e contornar a questão.

Nossa exposição contém, até agora, alguns postulados (não demonstráveis, como faz amplamente a Física), muitas afirmações e também dúvidas, todos eles baseados em autores da bibliografia constante no final.

Vamos concluir nossas reflexões com uma série de considerações que poderiam se chamar de "Guerra e Paz". Afinal, vivemos em um mundo atormentado em que o perigo atômico ronda a Humanidade. Embora o homem se realize na guerra, é somente pela paz - dura e definitiva - que ele alcançará sua plena potencialidade.

E não há como se explicar o que se segue, senão através da Ideologia.

Das contradições entre os países capitalistas surgiu a hecatombe mundial de 1914.

Deste parto doloroso nasceu um filho promissor: o Estado socialista. Os contendores, insatisfeitos e alarmados com o fato, invadiram a União Soviética por todos os lados. Houve um momento em que havia em território russo soldados franceses, ingleses, americanos, japoneses em maior número do que as próprias tropas russas. Durante três anos a luta dificultou a reconstrução

do país. Crianças morriam de fome. Vencida a invasão, a importância do Estado Socialista como exemplo moral, econômico e, posteriormente, militar, cresceu.

Para conter os movimentos operários que sucediam em toda Europa as nações capitalistas lançaram mão do capitalismo extremado de direita: o Nazismo. Este provocou uma hecatombe maior: 50 milhões de mortos.

Desde o início o movimento nazista alimentava um alvo: a União Soviética. (QUEM AJUDOU HITLER?, I. Maiski). Tanto assim que a França e a Inglaterra permitiram que Hitler armasse a Alemanha muito além da capacidade autorizada pelo Tratado de Versailles, que selou a capitulação germânica na primeira guerra ("punhalada pelas costas", segundo as famosas palavras de Hitler).

E fizeram ainda mais os dois países europeus: entregaram a Tchecoslováquia no chamado Pacto de Munich "para conter Hitler e salvar a paz".

Como a Alemanha ainda não dispunha de gabarito para enfrentar o Estado Socialista teve que se fortalecer através do englobamento de quase toda a Europa (contradição dialética).

A guerra germano-soviética custou a vida de 20 milhões de russos e 10 milhões de alemães. (THE UNKNOWN WAR, Harrison Salisbury, Bantam Book, USA - 1978. Subtítulo: Rússia vs. Germany in the World War II Bloodbath that took 30.000.000 lives). O total de mortos da Segunda Guerra Mundial foi de 50 milhões. Por aqueles números se prova a ferocidade da luta na frente russa.

Com a vitória russa duas grandes potências passaram a dominar o mundo: USA e URSS. A Conferência de Yalta, em fevereiro de 1945, que reuniu Stalin, Roosevelt e Churchill, dividiu as zonas de influência após a vitória que se aproximava. Na Conferência de Potsdam, em julho de 1945, com Truman, Churchill e Stalin, definiu-se o final da guerra. Mas os belicistas americanos queriam que a guerra continuasse: desta vez somente contra a Rússia.

Esta intenção diabólica já tinha sido demonstrada antes pelos ocidentais. Stalin pediu, em 1941, depois em 1942, e depois em

1943 que os Estados Unidos abrissem a 2a. frente, ou seja, um ataque aos nazistas pelo ocidente para desafogar a pressão anti-soviética. Historiadores afirmam que os países ocidentais apenas se mantinham na expectativa "para que os nazistas e os soviéticos se aniquilassem uns aos outros". Foi só quando o sentido da guerra se inverteu e os russos já invadiam a Europa que os americanos resolveram atacar a África e depois a Itália. Churchill, mais anti-comunista, pretendia uma invasão dos Balcãs para cortar o passo dos russos.

E naquela reunião Truman murmurou a Stalin: "Temos uma arma poderosíssima" (que seria lançada em agosto contra Hiroshima). Stalin deu de ombros. Os críticos de Stalin ("O maldito") interpretam este gesto como mais uma prova de inabilidade que se supõe tenha demonstrado ao permitir fosse apanhado de surpresa pela Alemanha, que entrou na Rússia como "faca na manteiga". Mas o ditador russo que enfrentou uma guerra de aniquilamento, que transferiu todas as indústrias para além dos Urais e que doutrinou o povo de cima a baixo e da medula até a alma, com uma moral inquebrantável, sabia que o exército russo era agora um "rolo compressor" e que os próprios russos estavam na pista da bomba atômica (citado por Paulo Francis).

E chegamos agora à última parte do último capítulo.

Pulando milhares de acontecimentos importantes, desde 1945, chegamos a 1981-1982.

Chomsky, um linguista, afirma que o governo Reagan se constitui em um Estado proto-fascista.

"O Fascismo leva à guerra" (HISTÓRIA DA RIQUEZA DO HOMEM, Léo Huberman, várias edições).

Para Chomsky a situação poderá ter uma das três direções a seguir: uma oposição e luta internas, uma resistência externa ou a guerra. As duas primeiras hipóteses estão acontecendo; felizmente a última ainda não ocorreu.

Paulo Francis escreve de Nova York para a Folha de S. Paulo em 7 de março de 1982: "Recessão nos EUA caminha para uma grande depressão".

O desemprego este ano nos EUA chegará a 10% da força de trabalho: 10 milhões de desempregados. Reagan desviou as verbas das instituições sociais para o Pentágono e "tornou mais miserável ainda a vida de 40 milhões de americanos que já vivem à margem da economia" (sic). Reagan prometeu reativar a economia através da baixa dos impostos e juros. Mas os juros subiram. A Bolsa está no chão. Não há investimentos novos. A poupança continua o de sempre: 4% ao ano (contra 9% na Alemanha e 14% no Japão). Não há mais "estômago" para cortar benefícios sociais dos miseráveis, não por altruísmo, mas porque os miseráveis vão votar em novembro.

Os gastos estúpidos do Pentágono estarrecem até a extrema direita porque Reagan está gastando fortunas em armas inócuas como encouraçados, porta-aviões e tanques que seriam facilmente destruídos por um foguete de alcance médio. Um senador republicano confidenciou a Paulo Francis que se as coisas forem como vão os EUA têm duas saídas: ruína ou guerra.

Jonatah Schell, do "New Yorker", publicou um ensaio afirmando que a explosão de um único retardo termo-nuclear dos EUA e da URSS basta para anular todo o delicado sistema de verificação dos controles nucleares das duas super potências. O significado disto é que não há a menor possibilidade de guerra nuclear "limitada" e nem tempo para que Reagan e Brejnev gritem e comecem a conversar. Na primeira explosão vai o mundo inteiro pois, se os controles não funcionarem, os militares, incertos do que acontece, acionarão tudo o que têm. Nenhum país deixará de ser atingido e poderá ser o fim da vida animal e vegetal na Terra. A hipótese "melhor" da ruína é óbvia. Não vamos citar aqui fatos ou estatísticas.

Mas Reagan continua sorrindo e dizendo que ele está certo e todo mundo errado.

Eis aqui a nossa conclusão: O capitalismo está condenado, seja pela paz ou pela guerra. Somente que pela guerra seremos todos destruídos. Não que a falência do capitalismo seja um "fato au-

tomático" da História. Mas porque os acontecimentos a isso levarão, e os homens trabalharão para que tal aconteça.

REAGAN QUER A GUERRA.

Mas não será fácil fazê-la.

Ele encontra resistências internas, resistências dos países europeus, o poderio do mundo socialista e a neutralidade do Terceiro Mundo.

Portanto, é provável que a paz virá. A guerra é feita para conseguir lucros fabulosos e manter a dominação, a fome e a alienação. Os países têm ânsia de libertação: os pobres, por razões óbvias; e os ricos para fugirem dos males de sociedades alienizantes.

Parodiando Garcia Lorca diremos que "no dia em que a guerra, a fome e a alienação desaparecerem da face da Terra haverá uma explosão de espiritualidade como nunca se viu antes".

A paz virá. Talvez não sem sofrimento - a destruição de muitas ilusões ou de muitas vidas.

Mas ela virá.

Isto não é uma profecia. É uma mensagem de esperança.

São Paulo, abril de 1982

BIBLIOGRAFIA

1. BÍBLIA SAGRADA - Edição Barsa
2. BIOGRAPHY OF THE EARTH - George Gamow - 1956 - USA
3. A EVOLUÇÃO - Biblioteca Life - 1970
4. A ORIGEM DA VIDA - A. Opárin - 1955 - URSS
5. A ORIGEM DO HOMEM - M. Nesturkh - 1966
6. ORIGENS - Richard E. Leakey - 1977 - Brasil - Lisboa
7. ABC DA RELATIVIDADE - Bertrand Russell - 1974 - Brasil
8. CIVILIZAÇÃO E PECADO - Konrad Lorenz - 1974 - Brasil
9. A ORIGEM DA FAMÍLIA, DA PROPRIEDADE PRIVADA E DO ESTADO - Friedrich Engels - 1980 - Brasil
10. AS IDÉIAS DE MARX - David McLellan - 1976 - Brasil
11. O FENÔMENO HUMANO - Pierre Teilhard de Chardin - 1966 - Portugal
12. MARX, VIDA E OBRA - Leandro Konder - 1976 - Brasil
13. QUESTÃO DE MÉTODO - Jean Paul Sartre - 1972 - Brasil
14. SEIS PENSADORES EXISTENCIALISTAS - H.S. Blackham - 1967 - Espanha
15. AS DOUTRINAS EXISTENCIALISTAS - Régis Jolivet - 1975 - Portugal
16. O MARXISMO E O INDIVÍDUO - Adam Schaff - 1967 - Brasil
17. TREZE QUESTÕES PARA O HOMEM MODERNO - Jean E. Charon - 1973 - Brasil
18. SETE TEORIAS SOBRE A NATUREZA HUMANA - Leslie Stevenson - 1976 - Brasil

19. ETOLOGIA - Klaus Thews - 1978 - Brasil
20. THE UNKNOWN WAR - Harrison E. Salisbury - 1978 - USA
21. HISTÓRIA DA RIQUEZA DO HOMEM - Leo Huberman - 1967 - Brasil
22. A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL - vários fascículos - 1965 -
Portugal
23. HISTÓRIA DO SÉCULO XX - vários fascículos - 1975 - Brasil
24. "RECESSÃO NOS EUA CAMINHA PARA UMA GRANDE DEPRESSÃO" -
Paulo Francis - 07.03.1982 - Folha de S. Paulo